

A COOPERAÇÃO OU OBSTRUÇÃO DO EGO AO EU REAL

Saudações, meus queridíssimos amigos. Que as bênçãos, a força, a compreensão da verdade, e o fluxo vital de energia universal possam preencher e sustentar vocês enquanto vocês ouvem estas palavras e enquanto vocês as levam para dentro de vocês – talvez mais como forças psíquicas do que como memória intelectual.

Muitos de meus amigos neste intensivo caminho de autorrealização chegaram a uma encruzilhada onde eles vêm a antiga paisagem interior, que é medo: medo da vida, medo da morte, medo do prazer, medo de abandonar o controle, medo dos sentimentos – afinal, medo de ser. É necessária uma considerável autoconfrontação, como todos vocês sabem, para se tornar consciente desses medos. Eles estão, geralmente, encobertos, mas no entanto eles existem.

Muitos dos meus amigos chegaram ao ponto onde, para sua surpresa e espanto, repentinamente começaram a perceber que temem todos esses aspectos da vida que acabei de mencionar. Quando a consciência desses medos aumenta, a pessoa gradual e automaticamente também se torna consciente dos efeitos que esses medos, até então inconscientes, têm em sua vida: o que esses medos levam a pessoa a fazer, e como eles forçam a pessoa a se afastar da vida. A pessoa, então, começa a compreender aqueles vagos sentimentos de estar “desperdiçando” a vida (que se tem geralmente sem saber bem por que) e começa a perceber quanto tem estado perdendo. Meus amigos, vocês realmente perdem muito da própria vida. Vocês perdem o processo criativo de viver ao temer esse processo.

Agora desejo discutir alguns aspectos desses medos, seus denominadores comuns, que indicarão a vocês como corrigir uma desnecessária condição de medo, frustração e dor. Pois mesmo aqueles de vocês que ainda não descobriram que esses medos existem, mais cedo ou mais tarde descobrirão a sua existência, especialmente quando vocês se encontrarem dinamicamente crescendo e se movendo num caminho de desenvolvimento e autorrealização. Quando, então, vocês se tornarem conscientes de como estão se escondendo da vida por causa desses medos, minhas palavras – retrospectiva e retroativamente – tornar-se-ão muito úteis. Elas podem criar uma semente em sua psique agora, que produzirá seus frutos quando vocês estiverem completamente prontos para ver o problema e resolvê-lo. Enfrentar esses medos é verdadeiramente o principal problema da vida.

A natureza de todos esses medos é uma compreensão errônea da função do ego e de sua relação com o eu real. Essa relação é extremamente sutil e difícil de colocar em palavras, porque, como todas as verdades da vida, esta é cheia de aparentes contradições, na medida em que você pensa e vive dualisticamente. No momento em que você transcende esse dualismo, dois aspectos, opostos e aparentemente mutuamente excludentes, tornam-se igualmente verdadeiros. Isto se aplica ao ego em relação ao eu real. É verdade quando se diz que a predominância do ego, sua força exagerada, é o

maior empecilho para uma vida produtiva. E é igualmente verdade quando se diz que um ego fraco é incapaz de estabelecer uma vida saudável. Estes fatos não são opostos e mutuamente excludentes, meus amigos.

Antes de entrarmos em maiores detalhes, deixem-me, para começar, salientar que a condição infeliz da humanidade se deve primariamente à ignorância sobre o eu real. Na melhor das hipóteses, os seres humanos mais esclarecidos aceitam sua existência como um conceito filosófico, mas isto é completamente diferente da experiência – a experiência viva e dinâmica – de sua existência. Se as pessoas fossem educadas com a ideia e a meta de que eles contêm algo profundo dentro deles que é infinitamente superior ao ego, elas teriam a oportunidade – pela experimentação e exploração – de buscar a comunicação com esse núcleo. Elas seriam capazes de alcançar seu verdadeiro ser interior.

Como este não é o caso, as pessoas se tornam cada vez mais limitadas em seus conceitos e metas. Elas ignoram que há algo mais vivo dentro delas, além do ego. Mesmo aqueles de vocês que, durante anos, formaram o conceito do eu real, da substância criativa que anima todos os seres humanos, se esquecem durante noventa e cinco por cento de suas vidas diárias, de que esse ser criativo vive e se move dentro de vocês e de que vocês vivem e se movem dentro dele. Vocês se esquecem da existência do eu real. Vocês não buscam a sua sabedoria. Vocês apostam toda a sua confiança no seu limitado ego exterior. Vocês são negligentes quanto a se abrir para as verdades e sentimentos profundos do eu. Vocês vão despreocupadamente em frente como se realmente não houvesse nada mais do que a sua mente consciente, o seu ego com seus processos de pensamento imediatamente acessíveis e sua força de vontade. Com essa atitude vocês se limitam grandemente.

Tal esquecimento tem inevitavelmente várias consequências. A primeira é a questão da identificação. Quando você se identifica exclusivamente com o ego ou o eu consciente externo, quando seu sentido de eu está predominantemente associado às funções do ego, você se torna completamente desequilibrado e sua vida se torna vazia de substância e significado. Como o ego não pode substituir, ou de forma alguma se aproximar, da fonte de recursos que é o eu real, torna-se inevitável que a pessoa – e isto inclui a maioria dos seres humanos – se torne tremendamente assustada e insegura. Ela se sente inadequada, e seu senso de eu, de vida e de viver torna-se muito insípido e sem alegria. Prazeres substitutos são então buscados – geralmente freneticamente; mas esses prazeres são vazios e deixam a pessoa exausta e insatisfeita. O ego não pode trazer sentimentos profundos ou acrescentar um sabor profundo à vida. Nem pode produzir sabedoria profunda e criativa. O ego só pode memorizar, aprender, coletar o conhecimento de outras pessoas criativas, repetir e copiar. Ele está equipado para lembrar, separar, selecionar, escolher, mover-se numa determinada direção – para dentro ou para fora. Estas são suas funções. Mas não é função do ego sentir, experimentar de modo profundo, conhecer profundamente, o que significa ser criativo. Quando digo criativo, não quero dizer simplesmente artisticamente criativo. Cada um dos simples atos de viver pode ser criativo, desde que você esteja ativado pelo eu real. Cada ato é não-criativo quando você está separado do eu real, não importa quanto esforço você faça. Na realidade, o eu real não se esforça. Onde quer que ele se manifeste, existe esforço, mas é um esforço sem esforço. Isto, também, parece uma contradição.

Vamos voltar àqueles medos humanos fundamentais que listei antes, e vamos considerá-los sob a luz desta informação. Como eu disse, esses medos aparecem como resultado de se estar separado do eu real e de permanecer na ignorância, vivendo com falsas ideias. Vamos começar com o medo da morte, já que é este medo específico que lança uma sombra sobre a vida de todos. Se você se identifica predominantemente com o ego, seu medo da morte é realmente bastante justificado,

pois o ego realmente morre. Isto pode soar como uma afirmação assustadora para aqueles que não experimentaram ainda a verdade e a realidade de seu ser interior. É assustador precisamente pela razão que acabei de mencionar, isto é, pelo fato de que o sentido de ser, de existir, o sentido de eu, para muitos só existe através da identificação com o ego. É por isto que qualquer ser humano que tenha ativado seu eu real e que o experimente como uma realidade diária jamais tem medo da morte. A pessoa sente e conhece a própria natureza imortal, ela está preenchida com sua qualidade eterna; ela sabe que é sempre um continuum, pois essa é sua natureza inerente. Isto não pode ser explicado pela lógica à qual o ego está acostumado; essa lógica é por demais limitada para compreender isto.

Um círculo vicioso se instala quando o ego recebe importância indevida quanto à percepção de estar viva de uma pessoa. Se a pessoa não pode conceber qualquer outra realidade de pensamento, de sentimento, e de estar em si mesmo, além da realidade do ego, ela não pode, certamente, experimentar as faculdades superiores e a realidade maior do eu real. Portanto, ouvir que as faculdades do ego – consideradas como as únicas reais – cessam de existir, deve parecer assustador. Mas para aqueles de vocês que experimentaram a realidade total do eu real, esta declaração nunca será assustadora. Vocês então sabem perfeitamente bem como o ego é inferior, fugaz e insuficiente quando comparado com a realidade do ser interior eterno, que você experimentará como eterno sempre que o encontrar. Portanto, o medo da morte existe somente quando o sentido de eu de uma pessoa está exclusivamente ligado ao eu egóico.

Quero acrescentar que uma aceitação intelectual do eu real, como conceito filosófico, não aliviará o medo da morte porque não pode dar um sentido de realidade e de verdadeira experiência do eu real. Isto requer mais. Requer uma atualização das faculdades do eu real. Isto, como vocês sabem, exige certos estágios de desenvolvimento muito definidos. Falarei mais sobre isto mais tarde.

O próximo medo da lista seria o medo da vida. Vocês me ouviram dizer inúmeras vezes que quem quer que tema a vida teme a morte, e quem quer que tema a morte teme a vida, porque na realidade elas são ambas a mesma coisa. Esta afirmação também só pode ser verdadeiramente compreendida quando a pessoa experimenta o eu real – que reconcilia todos os opostos aparentes. Então a pessoa vê que vida e morte são o lado ensolarado e o lado sombreado – se é que eu posso colocar assim – de uma certa manifestação de consciência, nem mais nem menos.

Agora, o medo da vida é justificado quando o senso de identificação da pessoa está ligado exclusivamente ao ego. Pois a capacidade do ego de lidar com a vida e de viver a vida produtivamente é extremamente limitada. De fato, ela é totalmente insuficiente e faz o indivíduo se sentir incerto, inseguro, inadequado. O eu real, por outro lado, sempre tem respostas, sempre tem soluções, não importa qual seja o problema; ele sempre faz de qualquer experiência – não importa quão desnecessária e fútil ela possa parecer a princípio – um degrau profundamente significativo em direção a uma maior expansão. Ele aumenta a experiência de vida e de realização dos potenciais inerentes da pessoa. Ele, portanto, tem a capacidade de tornar você mais vivo, mais realizado, e cada vez mais forte.

Certamente, nada disso pode ser dito sobre o ego. Ele está constantemente enredado em situações, problemas e conflitos aparentemente insolúveis. O ego está adaptado exclusivamente ao nível da dualidade: isto versus aquilo, certo versus errado, preto versus branco, bom versus mau. Como vocês sabem, esta é uma abordagem inadequada para a maior parte dos problemas da vida. Além do fato de que nenhuma verdade pode ser encontrada se enxergarmos um lado como preto e o outro como branco, as dimensões desses problemas incluem muitas outras considerações. O ego é

incapaz de transcender o nível dualista, de harmonizar a verdade de ambos os lados, por assim dizer. Portanto, ele não pode encontrar soluções e fica perpetuamente preso nessa armadilha e ansioso. Assim, uma identificação com o ego traz automaticamente o medo da vida em seu rastro.

O próximo da lista deve ser o medo do prazer. Para aqueles de vocês cuja autoexploração ainda não é extremamente profunda, tal declaração pode parecer absolutamente inacreditável – assim como seria o medo de ser feliz. Você então diria a si mesmo: “Isto não tem aplicação para mim”. Mas me deixem dizer que todas as pessoas, na medida em que se sentem infelizes, não-realizadas e vazias, temem a felicidade, a realização e o prazer, não importa quanto se esforcem e busquem tudo isto no nível consciente. Deve ser assim; esta é uma equação que deve terminar nivelada. A vida de vocês demonstra este fato, a vida de vocês nunca é um produto de circunstâncias além do seu controle, ou de causas além daquelas que você internamente coloca em ação. Ela é sempre o produto de sua própria consciência interior. Vocês sabem disto em teoria, bem como na prática. Pelo menos aqueles de vocês que têm feito algumas autodescobertas têm cada vez mais percebido que, de uma forma ou de outra, são vocês mesmos que criam seus problemas. Nunca se esqueçam disso.

Então, o medo do prazer, da felicidade, da realização é uma realidade aplicável a todos os seres humanos. A princípio, é somente uma questão de conectar-se conscientemente com esse medo. No momento em que você fizer isso, você então compreenderá, finalmente, porque sua vida não produz aquilo que uma outra parte de você deseja ardentemente. Quanto mais o ego luta para conseguir aquilo que você deseja conscientemente, esquecendo que não é o ego sozinho que pode conseguir isso, mais impossível se torna a realização. Entretanto, não é necessariamente o ego consciente que obstrui o caminho, mas alguma outra parte do seu ser, que não é o ego nem o eu real. Entretanto, o ego consciente é frequentemente levado cegamente a agir da forma ditada por essa parte inconsciente, medrosa e negadora da vida. Isto é, então, racionalizado e explicado. Mesmo quando a pessoa entrega sua fidelidade somente ao eu egóico ativo, com sua consciência, mesmo assim o eu egóico nada mais é do que um agente obediente, quer vocês saibam disto ou não. A questão é simplesmente se o ego segue impulsos errôneos destrutivos, ou se é ativado pelo eu real.

Portanto, é absolutamente essencial que vocês se abram para observar suas próprias reações interiores que fogem da felicidade e do prazer. Para entender isto no contexto, eu gostaria de lhes dizer agora: se vocês derivam seu sentido de eu somente das faculdades do ego, abandonar o ego deve parecer terrivelmente assustador. E é exatamente aqui que vocês serão pegos num conflito insolúvel, enquanto permanecerem presos a ele: expansão e prazer, deleite e vida criativa, realização e felicidade só podem existir quando o eu real é ativado, quando vocês não se identificam exclusivamente com o ego, quando vocês estão conectados e identificados com o eu real, com a eterna e criativa substância do seu ser. E aqui está o mais importante: isto exige abandonar o controle direto do ego. Isto exige confiança e coragem para se render a um movimento interno que não se ativa com o pensamento externo e com as faculdades da vontade.

É fácil avaliar a verdade desta declaração quando você reflete por um minuto sobre os momentos mais sublimes de sua vida. Tudo que tenha sido verdadeiramente prazeroso, inspirado, sem esforço, sem medo, criativo e profundamente alegre, foi assim justamente devido ao abandonar o ego e ao se deixar animar por algo diferente das faculdades normais que estão sob a direta determinação do eu externo. Então a felicidade não apenas se torna possível, como é um subproduto natural. Você não pode ser seu eu real, sem estar feliz e, você não pode estar feliz, a menos que esteja

integrado com, e animado pelo eu real. Este é o tipo de felicidade que não conhece o medo de acabar, o medo da perda, ou de subprodutos não desejados. É o tipo de felicidade, como eu já disse em algum outro lugar, que é dinâmica, estimulante, excitante, vibrantemente viva e ao mesmo tempo tranquila. Não existe mais nenhuma divisão causada pela separação desses conceitos e pela crença de que eles sejam mutuamente excludentes, que é o que faz o ego dualista. Na forma dividida de experimentar a vida, a tranquilidade exclui o excitação e traz o tédio. O excitação exclui a paz e traz ansiedade e tensão. Você é confrontado, como em muitas outras circunstâncias, com a escolha, que não é mais necessária quando você entra no reino do eu real unificado.

Como pode você abraçar sem medo um estado que deve dispensar as faculdades do ego, quando seu senso de estar vivo parece vir exclusivamente dessas faculdades do ego? É exatamente aí que você cai numa armadilha. A menos que você perceba o seu medo da felicidade sob esta luz, você não encontrará a saída dessa armadilha. Você estará constantemente vacilante. Por um lado, você estará terrificado pela opção de abandonar o ego. Pelo outro, você estará constantemente num estado de maior ou menor impotência, que pode ser mais ou menos consciente. Um sentimento de estar desperdiçando a sua vida, ou de que está faltando algo essencial, o perseguirá, porque aquilo que é necessário para aliviar essa condição não pode ser conseguido senão quando você abandona a predominância do ego.

Isto me traz ao próximo medo da lista, muito relacionado a isto, que é o medo de se abandonar. Se, outra vez, o seu sentido de eu deriva exclusivamente do ego, a personalidade é incapaz de se abandonar. Abandonar-se significaria, então, aniquilamento. Mas para aqueles que já começaram, aqui ou ali, pouco a pouco, a ver a verdade e a realidade do eu real, abandonar-se não apenas não será perigoso, como será a própria vida.

Só gradualmente você se acostuma à nova condição, às novas vibrações, às novas formas de funcionamento do eu real. Mas isto certamente não é incompatível com o fato de viver num corpo, nesta esfera terrestre. De forma alguma. Significa apenas interação harmoniosa entre o ego e o Eu real. Significa conhecer as funções do ego, as suas limitações, assim como o seu poder. Eu retornarei a este assunto.

Primeiramente, gostaria de dizer que sempre que uma pessoa teme o eu real, ela teme a vida e a morte, o prazer e a realização, a felicidade e a expansão, os próprios sentimentos e o próprio processo criativo. Segundo, é autoevidente que os sentimentos não podem ser controlados pelo ego. Aqueles que tentam isto simplesmente enganam a si mesmos. Eles matam a espontaneidade e a liberdade do eu real. É por isto que os sentimentos nunca poderão responder a nenhuma obrigação, imposta por outras pessoas ou por si mesmo. Os sentimentos aparecem indiretamente, e parecem ter sua própria vida independente, suas próprias leis, sua própria lógica e sabedoria. Vocês fariam melhor em explorar e compreender essa lei e essa sabedoria, em vez de negar os sentimentos e impor sobre eles a fraca lógica do ego, a lei do ego e sua pseudossabedoria. Pois os sentimentos são uma expressão do próprio processo criativo. Qualquer um sabe que esse processo também não pode ser forçado. Só pode ser encorajado ou desencorajado, assim como os sentimentos. Os sentimentos e o processo criativo são movimentos internos, que eu também chamo de movimentos da alma. Eles têm suas mensagens e sinais que não podem ser deixados de lado se o indivíduo quer efetuar a autorealização e estabelecer contato com o eu real.

O eu real transpira e transmite um fluxo vital de energia, que consiste de muitas correntes diferentes. É o que eu costumo chamar de força de vida. Esta força de vida não é apenas um tremendo poder: ela é consciência. Contém profunda sabedoria e uma legitimidade inexorável, eterna e imutável. É necessário explorar e compreender essas leis. Tal compreensão enriquece a vida de uma forma extremamente surpreendente, numa medida que vocês não podem imaginar.

Negar o intenso êxtase desta força de vida – que se manifesta mais intensamente em algumas áreas do que em outras, em todos os níveis da existência – significa cortejar vários graus de morte. Abraçar esta força de vida significa viver infinitamente. A negação do prazer supremo da vida é morte. O fato do ego, ter passado a existir significa que a morte passou a existir. Eu não posso entrar em detalhes sobre isto agora, porque isto nos levaria longe demais. É suficiente dizer que o ego é uma partícula separada da consciência maior, que ainda permanece em todas as pessoas. A menos que essa parte separada seja integrada com a sua origem, ela morre. Sendo assim, separação e morte estão relacionadas, assim como reunificação e vida são relacionadas e interdependentes. A existência do ego, a falta de prazer e a morte estão diretamente conectadas, assim como o eu real, o prazer supremo e a vida estão diretamente conectados. Portanto, quem quer que tema abandonar o ego, que tema e negue o prazer, por causa desse medo, corteja a morte. Este é o verdadeiro significado da morte. É uma negação da verdadeira e original semente da vida.

Tudo isto, meus amigos, pode levar ao mal entendido de que o ego deve ser dispensado. Infelizmente, muitos ensinamentos espirituais incorreram neste erro e assim trouxeram confusão para os seus seguidores. Nada pode estar mais longe da verdade do que desconsiderar ou negligenciar o ego. Fazer isto simplesmente levaria ao extremo oposto, e os extremos são sempre igualmente errados, prejudiciais e perigosos.

Pessoas que durante toda a vida – frequentemente durante diversas vidas – supervalorizaram o ego, na ideia errônea de que ele seria não apenas a segurança, mas a própria vida, ficam cansadas. Ficam cansadas porque, cada movimento de alma baseado em falsos conceitos, é exaustivo por sua própria natureza; e faz com que as pessoas lutem muito a fim de se agarrar desesperadamente.

As diversas formas falsas de aliviar um ego restrito sempre significam o enfraquecimento do ego. Se, por um lado, o ego é forte demais, inevitavelmente ele deverá ser fraco por outro lado. Eu colocarei isto em termos práticos para vocês que estão trabalhando neste caminho: na medida em que vocês se assustam com a ideia de abandonar o controle do ego, porque vocês acreditam na falsa ideia de que abandonar o controle faz vocês perderem força, nessa mesma medida vocês serão incapazes de se afirmar porque têm medo. Quanto mais capazes vocês forem de se render aos seus sentimentos, ao seu processo criativo, às qualidades desconhecidas da própria vida, a um companheiro – mais fortes vocês serão. Vocês, então, não temerão tomar decisões, incorrer em erros, encarar dificuldades. Vocês confiarão em seus próprios recursos, terão a integridade de seus próprios pontos de vista, pagarão o preço por serem vocês mesmos, afirmarão seus direitos enquanto cumprem suas obrigações livremente e com boa vontade, não por medo da autoridade ou das consequências de não obter aprovação. A força de ego de uma tal autoafirmação saudável torna possível a rendição. Ao contrário, a fraqueza de um ego que teme a autorresponsabilidade torna impossível a rendição, assim como o prazer. A pessoa que habitualmente sobrecarrega e exaure as faculdades do ego, buscará, então, um falso alívio. Esse falso alívio pode tomar muitas formas. Uma das formas mais grosseiras é a insanidade, onde o ego fica completamente incapacitado. Em casos menos grosseiros, toma a forma de manifestações neuróticas, onde o ego é incapaz de usar suas faculdades de força, individuali-

dade e autorresponsabilidade. Ou pode tomar a forma de alcoolismo, vício em drogas, e todas as formas artificiais de se obter alívio de um ego super tenso, que está privado do prazer porque está assustado demais para se render ao processo criativo.

É portanto de importância fundamental compreender quais são as faculdades do ego, saber como usá-las, e saber onde estão as limitações do ego. Entraremos em mais detalhes no futuro. Tudo que quero dizer no momento é isto: o ego precisa saber que é apenas um servo do ser interior maior. Sua principal função é deliberadamente buscar contato com o eu interior maior. Ele deve reconhecer sua posição. Ele deve saber que sua força, potencialidade e função, é decidir buscar contato, pedir ajuda do eu maior, estabelecer contato permanente com ele. Mais ainda, a tarefa do ego é descobrir as obstruções que permanecem entre ele e o eu maior. Aqui, também, sua tarefa é limitada. A realização sempre vem de dentro, do eu real, mas ela vem como resposta ao desejo do ego de compreender e de mudar a falsidade, a destrutividade e o erro. Em outras palavras, a tarefa do ego é formular o pensamento, a intenção, o desejo, a decisão. Mas sua limitação está na execução do pensamento, da intenção e do desejo.

Depois de ter realizado sua tarefa de decidir pela verdade, pela integridade, pela honestidade, pelo esforço e pela boa vontade, ele deve ficar de lado e permitir que o eu real passe à frente com sua intuição e inspiração, que estabelecem o passo e dirigem o caminho individual. O ego deve, repetidas vezes, selecionar, decidir, intencionar, a fim de seguir esse desenvolvimento. Ele deve estar disposto a aprender a partir de dentro e a compreender a linguagem mais profunda do inconsciente, que a princípio é bastante obscura, mas depois se torna cada vez mais óbvia. Ele deve aprender a interpretar as mensagens do inconsciente destrutivo, assim como as mensagens do ainda mais profundamente inconsciente eu real, com toda a sua maravilhosa criatividade e construtividade. O ego deve dar seu apoio irrestrito, seu esforço concentrado, sua mais construtiva atitude e sua atenção total ao caminho interior. Ele deve conhecer suas limitações quanto à sabedoria profunda, quanto ao ritmo individual do caminho, ao momento certo de fazer as coisas, à força para perseverar nos momentos difíceis, e deve invocar os recursos ilimitados do eu real. Ele deve desenvolver uma delicadeza para perceber a sutil interação entre o ego cada vez mais alerta e um eu real cada vez mais manifesto, de forma que ele possa aprender quando ser forte e afirmativo para superar as resistências, e quando ficar de lado numa atitude mais passiva, ouvindo e aprendendo. O ego pode ser comparado a mãos e braços que se movem em direção à fonte da vida e que param de se mover quando sua função passa a ser não mais do que receber.

Que todos vocês possam se beneficiar desta palestra. Que vocês possam estudá-la profundamente e meditar sobre ela. Estudem sentença por sentença, aplicando-as a si mesmos. Meditem com o desejo de usar essa informação, não só pela compreensão teórica, mas pela busca verdadeira daquela parte de vocês que é eterna, que é verdadeiramente adequada, e que está sempre em maravilhoso e extático deleite. Pois este é seu direito de nascença. O preço é algum esforço para superar a preguiça, a resistência e os falsos mecanismos de segurança.

Isto também inclui explorar as condições que tornam possível uma conexão com o eu real. O eu egóico deve ser compatível com o eu real. O eu real transcende as simples leis da moralidade externa, portanto você deve ter a coragem de seguir sua própria verdade, em vez de obedecer aos desígnios da opinião pública, de uma autoridade, da sociedade em geral. Tal submissão só acontece por medo e ganância, covardia e oportunismo. Assim, a moralidade externa não é necessariamente um sinal de moralidade interna verdadeira. Entretanto, o eu real tem padrões extremamente exatos

de real moralidade, de uma natureza muito mais profunda do que a anterior. A pessoa deve ver onde o egoísmo, a crueldade, o autocentramento, a ganância e a desonestidade existem dentro da alma, mesmo que em forma diminuta. Qualquer partícula desse tipo, não importa quão diluída em bondade genuína, obstrui o caminho – particularmente quando não é reconhecida, quando é negada ou desculpada. Se você engana a si mesmo, tentando enganar a vida, você se torna incompatível com as leis e o poder de seu próprio ser criativo interior. Portanto, descubra as áreas onde você ainda trapaceia. Elas podem estar realmente escondidas, mas elas sempre existem onde existe infelicidade e descontentamento, e portanto existem na medida em que você esteja separado de seu eu real. Estejam em paz, sejam abençoados, estejam em Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação. O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.